

Guggo Morales

(Alceu Júnior Moraes Jacques)

Pra contar tempo de agora

Alcione Jacques (Org.)

EDUCS

LITERÁRIO



Pra contar tempo de agora



Fundação Universidade de Caxias do Sul

Presidente:
Dom José Gislon

Universidade de Caxias do Sul

Reitor:
Gelson Leonardo Rech

Vice-Reitor:
Asdrubal Falavigna

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:
Everaldo Cescon

Pró-Reitora de Graduação:
Terciane Ângela Luchese

Pró-Reitora de Inovação e Desenvolvimento Tecnológico:
Neide Pessin

Chefe de Gabinete:
Givanildo Garlet

Coordenadora da EDUCS:
Simone Côrte Real Barbieri

Conselho Editorial da EDUCS

André Felipe Streck
Alexandre Cortez Fernandes
Cleide Calgaro – Presidente do Conselho
Everaldo Cescon
Flávia Brocchetto Ramos
Francisco Catelli
Gelson Leonardo Rech
Guilherme Brambatti Guzzo
Karen Mello de Mattos Margutti
Márcio Miranda Alves
Simone Côrte Real Barbieri – Secretária
Suzana Maria de Conto
Terciane Ângela Luchese

Comitê Editorial

Alberto Barausse
Universitá degli Studi del Molise/Itália

Alejandro González-Varas Ibáñez
Universidad de Zaragoza/Espanha

Alexandra Aragão
Universidade de Coimbra/Portugal

Joaquim Pintassilgo
Universidade de Lisboa/Portugal

Jorge Isaac Torres Manrique
Escuela Interdisciplinar de Derechos Fundamentales Praeeminentia Iustitia/ Peru

Juan Emmerich
Universidad Nacional de La Plata/ Argentina

Ludmilson Abritta Mendes
Universidade Federal de Sergipe/Brasil

Margarita Sgró
Universidad Nacional del Centro/ Argentina

Nathália Cristine Vieceli
Chalmers University of Technology/Suécia

Tristan McCowan
University of London/Inglaterra





Guggo Morales

(Alceu Júnior Moraes Jacques)

Pra contar tempo de agora

Alcione Jacques (Org.)

EDUCS
LITERÁRIO



O rigor e a exatidão dos conteúdos publicados nesta obra são de responsabilidade exclusiva dos(as) seus(suas) autores(as) e organizadores(as).
© da organizadora
1ª edição: 2026
Preparação de texto: Giovana Letícia Reolon
Leitura de prova: Helena Vitória Klein
Editoração: Ana Carolina Marques Ramos
Capa: Luana Stela Martini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

M828p Morales, Guggo, 1975-2021.
Pra contar tempo de agora [recurso eletrônico] / Guggo Morales ; organização Alcione Moraes Jacques. – Caxias do Sul, RS : Educs, 2026.
Dados eletrônicos (1 arquivo).

Obra póstuma.
Guggo Morales é o pseudônimo de Alceu Júnior Moraes Jacques.
Modo de acesso: World Wide Web.
ISBN 978-65-5807-552-3

1. Literatura sul-rio-grandense - Poesia. 2. Poesia sul-rio-grandense. 3. Literatura brasileira - Poesia. I. Jacques, Alcione Moraes. II. Título.

CDU 2. ed.: 821.134.3(816.5)-1

Índice para o catálogo sistemático:

1. Literatura sul-rio-grandense - Poesia	821.134.3(816.5)-1
2. Poesia sul-rio-grandense	821.134.3(816.5)-1
3. Literatura brasileira - Poesia	821.134.3(81)-1

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Márcia Servi Gonçalves - CRB 10/1500.

Direitos reservados a:

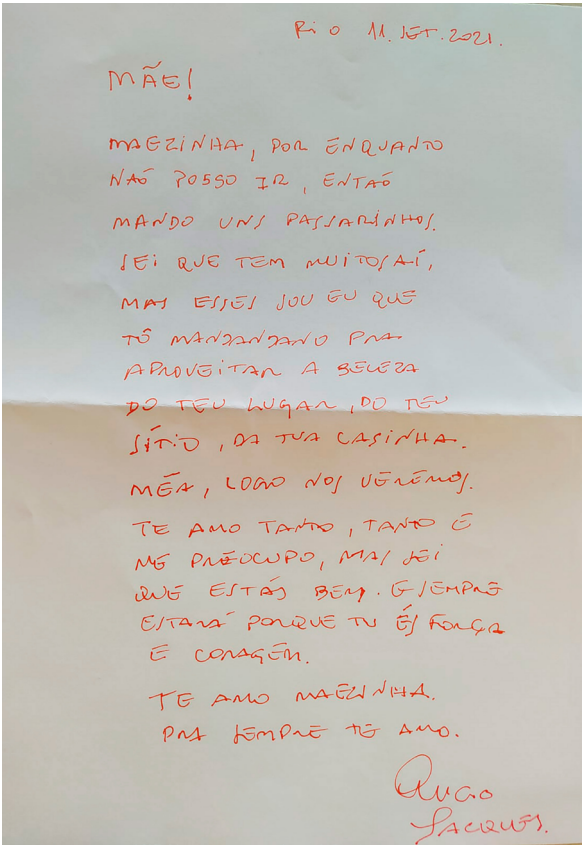
UCS | EDUCS EDITORA

EDITORA AFILIADA

EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197
Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br

Mensagem do autor

Nada demais nem tão pouco, apenas o suficiente para ser feliz.
No Havaí, todas as sandálias são havaianas.
A primeira missa do Brasil foi o maior "programa de índio".
Os filósofos têm um problema para cada solução.
Lixo – coisas que jogamos fora.
Coisas – lixo que guardamos.
Amigo é alguém que tem os mesmos inimigos que você.
A fé move montanhas. Os ecologistas são contra.
Quando não restar mais nenhuma opção, leia o manual. Você sabe!
Guggo Morales



Rio 11. SET. 2021.

MÃE!

MAEZINHA, POR ENQUANTO NÃO POSSO IR, ENTÃO MANDO UNS PASSARINHOS. SEI QUE TEM MUITOS AÍ, MAS ESSES JOU EU QUE TÔ MANDANDO PRA APROVEITAR A BELEZA DO TEU LUGAR, DO TEU SÍTIO, DA TUA CASINHA.

MÉA, LOGO NOS VEREMOS.

TE AMO TANTO, TANTO É MS PREOCUPO, MAS SEI QUE ESTÁS BEM. E SEMPRE ESTARÁ PORQUE TU É FORÇA E CORAGEM.

TE AMO MAEZINHA.
PRA SEMPRE TE AMO.

GUGGO
SACRUES.

Sumário

Apresentação • 7

I. Pena em pé, vasta rotina • 8

II. Viga mestra • 9

III. Pressa • 10

IV. Infarto com dano • 11

V. Letras engajadas • 12

VI. O nada inicial • 13

VII. Homenagem • 14

VIII. Gozo pleno • 15

IX. Cavalo de Tróia • 16

X. Solidão a mil • 17

XI. Tua tez • 18

XII. Enigma • 19

XIII. Identificação titular • 20

XIV. Duo in out • 22

XV. Se não tem bolo • 23

XVI. Poema ex-colhido • 24

XVII. Crença sem olho • 25

XVIII. Milagre de santo • 26

XIX. Um bilhão de denários • 27

XX. Suicídio • 28

XXI. Aden agave • 29

XXII. O verso • 30

XXIII. Grande pequeno pago (André da Rocha) • 31

XXIV. Transparelho • 32

XXV. Nem sequer imagina • 33

XXVI. Estou pensando em você • 34

XXVII. Carvalho • 35

XXVIII. Tempo de agora • 36

XXIX. De ter gente • 37

XXX. Mar de iceberg • 38

XXXI. Joana • 39

XXXII. Bonança • 40

XXXIII. A fé de Poliana • 41

XXXIV. Labaredas em sonho • 42

XXXV. Cozinha afro-oriental • 43

XXXVI. Café sem neura • 44

XXXVII. Rosa da noite • 45

XXXVIII. Pra não deixar marca • 46

XXXIX. Só lida • 47

XL. No mundo sem giro • 48

XLI. Fim • 49

Posfácio • 50

Quem foi o Gugo para mim? • 51

Minhas últimas palavras escritas a ele em seu último aniversário – 06/09/2021 • 52

Palavras finais • 53

Sobre o autor • 54

Apresentação

Há livros que nascem da urgência de dizer, de registrar um instante fugaz, um pensamento que pulsa ou uma memória que insiste. *Para contar tempo de agora*, de Guggo Morales, é desses. É um livro que nasce do desejo de permanecer – não como estátua, mas como vento, como voz, como presença.

Guggo Morales (Alceu Júnior Moraes Jacques, 06/09/1975-18/10/2021) foi ator, produtor, poeta da cena e da palavra. Viveu intensamente o teatro, a televisão, o cinema e, mais do que tudo, as pessoas. Cada um destes poemas, escritos ao longo de diferentes momentos de sua vida, é uma espécie de carta, de testamento afetivo, de gesto que insiste em alcançar o outro, seja esse outro o público, a família, os amigos ou você, leitor, que agora o encontra nesta travessia.

Este livro é também uma celebração. Celebra-se aqui o instante e a permanência, o lirismo cotidiano, a leveza que convive com o abismo, a esperança que ainda se atreve mesmo quando tudo parece desabar. Como a tulipa branca – flor que Guggo amava –, cada poema floresce com delicadeza e força, mesmo sob o frio do tempo e as intempéries da vida.

É possível que este livro não conte apenas um tempo de agora, mas vários: o tempo da infância, do amor, da perda, da luta, da criação, da saudade. Todos reunidos aqui, como se o tempo pudesse ser tocado com palavras.

Que esta leitura seja, para quem a acolher, um reencontro com o que há de mais humano: o riso, a dor, o espanto, o cuidado, a beleza. E que Guggo Morales siga habitando o agora, nas páginas, nas lembranças e, principalmente, no afeto e na energia que semeou em vida e continua a florescer.

Alcione Moraes Jacques

I

Pena em pé, vasta rotina

Poesia Pintada.
Pintura em versos.

A pupila plana pela tulipa,
Pura rara, beleza plena.
Palma, planta que pinta pena,
Em pé desliza, escorre, esvai,
Vai, vinga, vigora, vence.
A mão, com palma em pé com planta,
A passos passa e voa em vão.

E o vão existe, insiste e em riste,
Rasga o risco, marca a folha,
Rasga a casca, marca um tempo!
Espaça a vida, preenche o espaço.
Destino? Basta! Circunda a galáxia,
Encontra um conto, se encanta enquanto o pensamento brinca, e descansa,
Espera, e volta, e vai.

Vasta Rotina, roda, roda (ação) risonha.
Rema, rima, rema, rema (ação)
Marcar o tempo.
Marcar um tempo.
Pra quê?
E o espaço? (ação do cão) Pra quê?
Marca o pano, a tela, o plano, a folha, a pele e a alma.
Vai!
Tatua em tua testa marcada as marcas do tempo.

Nem de ontem nem de hoje que efervesces,
Que a espera cessa, e seca estanca,
Que aperta a ponta e choca-se, extasiada, choca, grávida.
E pare, e pinta e põem o nome de poesia.

Use itens naturais:
Nanquim, madeira, algodão, cabelo pelo suor, afeto.

Que para sempre tu efervesças, ó pai santo!
Que essa insana alma calma de poeta pinte poesia e escreva pintura em versos de prosopopeia pintada.

II

Viga mestra

Se presente, tu te tornas, mestra viga
Eu me entrego, espero e quero sem engano
Vasta base toma forma de barriga
No teu colo já sem medo me esparramo

Deito certo como quem deita de lado
Encaixado ou escutando seu tum-tum
Bate forte no limite do meu peito
Como nunca bateu por mais nenhum

Ilumina minha noite com seu fogo
E de dia durme o sono em calmaria
Sem saber que lá fora tem um jogo
Que de olho rouba e tenta sua alegria

Já não basta ter você pra toda a vida
Do outro lado quero estar junto contigo
E se volto num bebê recém-chegado
Com certeza não serei só seu amigo

Nesse voo maleável pelo tempo
Sem demora tu me segues ou eu te sigo
Antes eu ou depois você, soltos no vento
Já te vejo num bebê recém-nascido

Nossas almas vão alçando dessa forma
Patamares pela escada evolutiva
Juntos sempre, não importa quem se torna
Ultra-luz eu super-você estrelas-vivas.

III

Pressa

Vá viva avante
Suba a escada
Pule a vala
Carregue no peito a medalha ou qualquer coisa que o valha.

Cuida que acumula e farta pesa.
E preso, parado com o peso do acúmulo, presa te tornas.
Alimenta tua ira ou irás para a vala.
Vá! Morra atrasado.

IV

Infarto com dano

Se quando tu passas
Eu paro num canto
Encantado que fico
Ensaio meu canto

No tempo que passa
De coragem me inflamo
Mais uma passagem
Infarto com dano

Teu olhar eu não acho
Procuro sem ver
Mirando por baixo
Você nem me vê.

V

Letras engajadas

Chuva forte caiu na noite
Na madrugada o silêncio
E essa manhã que se arrasta
Num dia que não tem luz

É que na tarde de ontem
Morreu a rima cordata
Rumou sem mais pro além-vida
Sem testamento de herança

Ainda é fresca a notícia
Só outra tarde se desnuda
Quem sabe se no crepúsculo
Alguém essa sina assuma

Pra dar rumo a essa prosa
De rimar coisa com coisa
Sem fórmula de milagre
Só com arte e galhardia

O sufixo que eu teria
Pra desenhar verbo ao léu
Sete cores de alegria
Com chuva fina no céu.

Água gota pontilhada arco-íris de letras engajadas num sentido
Resiliência que brota, resgatada em cada nota, cada hiato e acento agudo.
Vento líquido que alivia o sólido calor da vida.
Tira o foco do frio que chega até o osso d'alma.
Penetra a fina neblina.
Se espessa escorre-se-esguia.

VI

O nada inicial

No início do nada da vida o tudo se mostra
Escondera conteúdo, contudo concorda.
Ao visto que isto não visto floral
Nem sempre insisto num ponto final
De luto eu luto pra sempre anormal
Sem éter na mente
Eu miro na frente
Buscando o alvo-sinal
Se planto semente
Meu pranto pressente
Com tudo que eu sofro e diz no jornal
E nesse processo
Me escondo no verso
E avesso me expresso
A palavra presente
Soberba desmente O NADA INICIAL

VII

Homenagem

Hoje eu quero um poema para quem me apresentou
Drummond, Quintana e Bach
Eu quero um poema que me venha na boca do estômago
Que seja ferino sincero ao extremo
Hoje eu quero um poema que revele o que sou
Que saiba quem sou

Hoje eu quero um poema que me leve pra copa da árvore
Que me faça passar pra encontrar meu amigo
Que do lado de lá, de cá nunca foi nem nunca irá.

Hoje eu quero um poema para que não haja firula
Um daqueles diretos, tão certos.
Certeiro no ponto

Hoje eu quero um poema que me tranque e esconda a chave
Que segrede comigo o que eu fui e serei
Que me deite na rede embale e me vele

Hoje quero um poema que me sirva regado
Alcachofras alcaparras vinho vermute rum e gim-tônica
Um poema que me permita ser eu, que seja eu.

Hoje eu quero um poema que me espelhe, que guarde meu sono e, por fim, revele o que vem depois.

VIII

Gozo pleno

(pra não chorar eu Rio, 10 de outubro de 2011)

Vou me esbaldar no teu rio
Vou mergulhar tão profundo
Vou curtir cada segundo
Vou emergir do teu mundo
Vou ser de novo vadio

Eu vou bem lento sem pressa
Vou co'a fé e co'a coragem
Vou entender a engrenagem
Vou dizer tanta bobagem
Eu vou dançar na tua festa

Eu vou bem claro e atrevido
Vaistar escrito em minh'atesta
Vou redundar que não prestas
Vou eu sonhar na tua sesta
Recuperar o perdido

Vou sem pudor
Eu vou nu
Vou como se já não tivesse ido
Vou fingir ser o primeiro
Omitir teu paradeiro
E atender teu pedido
Ah, não tem quem me segure, ah, eu vou porque sim
Vou manso e mesmo que o tempo
Passe sem dó nem cuidado, eu vou certo sossegado
Confiante que o gozo pleno é de início tão perto.
Concentrado eu vou, sabendo que o meio é muito antes que o fim.

IX

Cavalo de Tróia

Manga madura teu cheiro
Doce com sal tua saliva
Salvo e seguro em teu meio
Acalma minha dor alivia

Mágoa sem cura meu erro

Rio baixinho na margem
Viagem cumprida jurada
Acha no ninho selvagem
Entrega sua vida encantada

Corre o caminho num fôlego
Ara com amor e carinho
Planta na tarde sem medo
Colhe na noite sozinho

Casa com sorte num bote
Alça com força esse rio
Bate no peito em choque
Alívio no braço o vazio

Acaba de vez essa festa
Deseja o fim da tristeza
Amar sem ter volta não presta
Libera sem mais essa presa

Cavalo de Tróia que chega
Engana com joia de vidro
Quebra de vez essa noia
E tem teu pedido atendido

X

Solidão a mil

Hoje é 15, ainda temos muito tempo.
O copo está meio cheio, a vida está sentada ao meio fio, um carro chega sem arauto a mil, vocês dois e eu no meio, como pode ser tão frio.

Se o amor está por um fio, se algo não se repetiu, se a fumaça do teu quarto não revela esse vazio,
Numa estrada delirante, se perdeu na madrugada, um delito cometeu.

Tantas horas pela rua e eu na tua sem saber se está aqui ou pela lua.
Abstraia dor e pranto, enche vazio de calor chama louca de nua clareza, ilumina-te duma sinapse repentina, que a beleza do seu rosto de feminina seja sempre a cor mais pura de se ter.

Chega mais, aqui bem perto, não pense se errado ou certo, alimente sem receio esse leão, cante versos de singela melodia, mesmo que seja essa mentira alegria, risca a marca em meu pranto coração.

XI

Tua tez

Mais lágrimas, menos um dia, um dia a mais.
– Dia. La cri +

Medro quando me dou.
Domo meu eu.

Entrego-me à traga trama
Tomo tento em tento em tempo lento
Pra esquecer a tua tez.
Na certeza de que a espera para e cessa sem demora.

Teu latifúndio em meu sítio.
A cena será terrena
A espera será serena
A guerra de alma pequena.

XII

Enigma

Um dia apareceu essa mulher.
Não era santa nem é preta, mas sim MARIA.
Fascinou-me seu ofício, seus planos, seus processos.
Passamos a analisar, descobrimos procedimentos que melhoraram meu trabalho, minha arte e minha vida.
Até o dia que "formamos uma quadrilha".

Me levou para sua casa.
Me apresentou ao mercado, contou-me os prós e os contras.

Tomamos vinho, bebemos água, comemos sal e rimos, de nós e do mundo.

Me cuidou, velou-me em convalescença, e mais me cuida.
Me compreende, anima, apoia e eleva minha autoestima.

Minha amiga não é secreta. É dita cuja, é mãe coruja.
Se aqui me divirto nesse enigma, é só pra fugir do estigma, do meloso declarar de uma paixão.
E com sabor de mistério lanço um jogo quase sério e desafio quase bobo a quem por favor me diga:
Quem é essa menina irmã moça mulher APARECIDA?!

XIII

Identificação titular

É isso; faça-se o registro: uma breve homenagem aos contadores, não os contadores de estórias, mas os contadores contábeis, contadores de cifras.

Quando me dei por conta,
quando dei por mim,
quando despertei Alice em pleno voo e me vi pleno no ar,
plainando ao gosto do vento.
Sentenciada a viver em frente à tv absorta no mundo.
Eu estava morta.

Sabia que sonhava,
então permita-me correr lado a lado com ela.
O risco acelera.
325 km/hora numa redescoberta constante.
A reta nunca sai da linha,
nunca entorta.
Segue em frente cada vez mais tesa.
Tem poder de exterminar
o tempo retém a luz, retira o tato,
o gosto do seu palato, sem murmúrio de fonema,
sem ar corrente, sem pulso mesmo e de fato
sem ventania ou poema.

Em poucas, sem muito, argumento palavras.
Mais de um mil rufares além ela aparece parada a 325 km/enésimo de instante.
Folhas em branco, duas canetas,
uma preta que voz fala e outra rosa avermelhada,
muito rogada que quiçá nem apareça,
dispersa desmemoriada, sem sinapse,
Talvez não toque a sineta,
do título também esqueça.
E essa quase reta linha
Sem nome órfã permaneça

Ela não me contara
do teste a que se submetera,
metida que era
a filósofa acreditava nas malícias da inveja.

Aos 15 estrela já era,
Já moça sem os seus cabelos de Gabriela
Artífice de um olhar verde que desvenda em poucas linhas.

Aos 30 quer ser doutora, não doutora de pacientes,
Pretende tratar com gente em vez de gente tratar.
De ação e emoção tutora pra não cu-de-caçá-picá.

Nesse momento ela segura a caneta, pensa, coloca uma vírgula meio torta, depois coloca outra mais bonitinha, recosta na cadeira e reflete sobre tudo que poderia ser explicado das últimas duas páginas que escrevera sem jeito e nem maneira de IDENTIFICAÇÃO TITULAR.

XIV

Duo in out

Um esconde o outro mostra
Um de longe o outro encosta
Um despeita o outro gosta
Um a mil o outro posta
Um gentil o outro tosca
Um sussurra o outro rosna
Um anil o outro rosa
Um vazio o outransborda
Um cidró o outro losna
Um in verso o out prosa

XV

Se não tem bolo

Transbordo.
E essa dor que vivifica.

Guia-me pelo Leme à Glória da Praça Paris, forasteiro da gema, de alma guria.

Exílio querido
desterro pintado
na tela cidade
do sonho menino.

Antecipara as paradas, Marcos Rei, em “Bem-vindos ao Rio”.

E a Linha Vermelha
às seis da manhã
tem cheiro de mar morto.

Fascina. Faz. Mel. Sina. Melanina.

O lema na mesa da cama pra maca,
aclama saúde alimento que acalma,
sal e sol pra curtir e o açucarar da alma.

A vida plena a ser ganha na raça.
A ser paga em planas parcelas.
O deluso, vislumbre terrível
que sufoca em deslumbre ilusão,
pra vencer essa guerra possível
ser nenhuma batalha em vão.

Se ardeu é porque está vivo.
Uma flor da noite,
Dilacerada arte expiada, alternativa ao divã.

XVI

Poema eX-colhido

A gota coagulou. Não
e
s
corre um risco aquecido do cerne da alma.

Ventos de outono!
Aqueçam minh'alma e tragam-me de volta à vida pungente.
Liberdade e perdão.
Absolvida pena, decapitada febre.
Sorrio enquanto empunho uma flor madrugada.
Espalho teu pólen além-mundo aí-afora.
Resgato teu bem, teu melhor, teu destino.

XVII

Crença sem olho

Sei que é tempo de mudar de riso
De pregar juízo, de mandar pro inferno.
Sei que ando pregando salvar tua alma
Que quando esta calma tua água estribilha.

Rezando gerúndio grosseiro sequilho.

Folga que sinto, no couro e no espírito,
De santo valente, sem baixo topete.
Olhar bem dentro animal peçonhento propõe uma trégua.
Dá tempo pra cor, dá brilho pra voz, dá tom pra temperança.

Espera sentado que em pé só se cansa.
Canção de sossego, José Lins do Rego que o boto te pega.
Daí mais nove o mês já não anda.
E a dança sentada rendando um babado cantado com fé.
A fé discutida redime Thomé da crença sem olho.
Cega e certeira da necessidade de amar sem temer.

XVIII

Milagre de santo

Ai se tu chegas agora
Sem aviso de certeza
Pra festa que é mais que certo
Preparou meu coração.

Do caminho de relevos
Tu bem sabes o perigo
Só não pouses de sabido
Pra assumir voltar pra mim.

Tua espera é desterro da alma,
Já sinto, se esvai minha calma
Não demora, é doce o manjar.

E agora meu santinho
Que já te vejo bem longe
Centrado em minha direção.

Visto a toca luva calço passo perfume na orelha
Água benta pra minha jura
Desemboco, perco a fala, tonteio, retomo o tento.

Ah, como é boa essa vida e como é bom sentir isso
A imagem da tua chegada em alta definição
Louvada pra sempre salve, agradeço até o juízo.
Suprema dádiva devida a São Crispim e Antão.

XIX

Um bilhão de denários

Com tanto dinheiro à mão
Com tanto pra conquistar
Pra'quilo que é miá razão
Ainda fosse faltar

Talvez de nada adiantasse
Um numerário tamanho
Nem serventia tivesse
Pra viver meu maior sonho.

Numa certeza concreta
De toda a imensa alegria
Uma esperança se aparta
A que mais feliz seria

Com bilhões para gastar
Com dólar à revelia
Sem dúvida pra pairar
Pra ser feliz noite e dia

Respondo em marcada carta
Saiba, é tudo que almejo
Que aquilo que me refarta,
Que me traduz num lampejo

Não me rogo e até clamo
Meus mais profundos desejos
E peço sereno e calmo
Pra ter meus filhos longevos

XX

Suicídio

Pó, areia, vento, movimento e eu só.
Sol, areia, tempo sortimento e eu pó.
Só areia, lento caimento e eu dó.
Nó, areia, lenço, documento, e eu sempre penso no pior.

Vai lá, menina,
Vai fundo, menina,
Vá de boca na bica que eu faço a rima felina.
Sou gato no chinês.

Comendo uva na chuva,
Olhando a rua "da lua"...
Colho saliva do beijo,
Repouso na boca sua.

Me apaixonei num instante.
Vou sofrer ali adiante,
Como se não fosse o bastante,
Vou me enforcar num barbante.

XXI

Aden agave

Escrevo por ser só instinto
Escravo incrédulo das letras
Externo sabores infindos
Espanto valores caretas

Inspiro a onda do inédito
Escrito com extrato de lágrimas
Estado em domínio de sítio
Exposto ao vazio das páginas

Espero iludir essa dor
Escroto, desminto a falácia
Extremo em versão amador
Esmero império da audácia

Aden agave do império
Esperto em fingir parvoíce
Espanto com ares de tolo
Inscrito em suprema ledice

XXII

O verso

Para: tufão. De: furacão (os Gugos, Alcione e Alceu)

Meu eu inverso
Meu duplo cantado em versos
Minha face feminina, menina moça mulher.
O contrário se levanta, podia ser eu você.
Podia ser eu teu filho, tua mãe eu podia ser.
No espelho encontro contigo, revivo o amar e o sofrer.
Me inspiro na tua fibra pra nunca mais fenecer.
Minha irmã sempre querida, em mim arde um sentimento,
Por ti e teus guris, Gabriel e Pedro.

XXIII

Grande pequeno pago (André da Rocha)

O pago, os pagos que eu trago
A estrada, os caminhos pra escolha
Nascente à várzea da alma,
Derrama no vazio da folha

Andar com fé nesta vida
Que toda gente um dia acorde
Pra ser mais amiga do mundo

Cuidar com amor da nossa terra
Curtir o desfrute legítimo
Até a volta à origem, cansado.
Da guerra que pede carona
Renascido à lama encharcada
Impresso em letras de forma,
Que surja um bilhete premiado
Dizendo teu pago te ama.

XXIV

Transparelho

Prepara a hora, cuida o ponteiro
Pisca o segundo
Marca deus Cronos
Conta seus donos
Informa o delito

Passo doble batido
Espalmado preciso
Constante ponteio

Passa agora do crepúsculo aurora num piscar dum átimo.

Cristal é vermelho rubi “transparelho” inerente ao contado.

Palhaço que chora sem conta da hora se entrega ao por fim.

XXV

Nem sequer imagina

Não conhece ainda
Identifica mas ignora
Despeita

Passa a olhar mais
É apresentada ou conhece
Admira cobiça
Ama muito, ama mais, ama.

Ama mas passa a não gostar da saliva
Analisa separa divorcia
Desama
Despeita, nem conhece mais.

Nem sequer imagina.

XXVI

Estou pensando em você

Em todos os momentos maravilhosos que vivemos juntos.
Penso em você, logo me sinto forte e corajoso.
Fico imaginando como será quando estivermos juntos novamente.
Adoro teu cheiro, teu peito, tua testa, tua saliva.
Sinto tua energia apesar da distância.
Amo; sinto-me amado e sou um ser melhor, mais vivo em potencial.
Tenho pressa, corro de acordar dessa realidade.

XXVII

Carvalho

Alma nobre, Carvalho, Mara.

Um olho que te encoraja
Incrustado de leveza
Evolui sentimentos
Profundas raízes de afeto
Ligada em alta voltagem
Atrevida em galhardia
Proprietária da vida
Ávida destemida
Simples em sua grandeza
De imponente sol a pino
Tão nobre a azular o céu
Ama ao largo ama ao léu. Salta da pedra mais gávea
Pra depois aterrar em gaia de onde tira seu sumo.

Carvalho é matéria rara, prepara a terra, roça, ara e planta sementes caras, de valores intangíveis. Almas claras que se encantem ao contemplar o garbo da sua rama de amor. Estopim das alegrias chama de luz e beleza. Ainda emana energia a quem a amou e se lembra de que ama'inda que longe.

XXVIII

Tempo de agora

Se precisar contar o tempo
Quantificar contentamento
Alegria ou sofrimento
Medir tangente tamanho, peso raiz comprimento.

Da mesmice ao sortimento
Todo tipo de sentimento

Contar o tempo preciso
Passar todo o tempo a limpo
Contar o tempo da alma, descrever vivo organismo.
Um ponto marcado a lágrima, mesma marca da endorfina.

UM LIMITE SE DESTACA QUE DÁ PRA VER LÁ DA LUA.

Lava a alma limpa a ruga pra contar tempo de fato.
Verdades cruas nascem nuas quando colhidas na aurora.
Colha do sulco lavrado sem esquecer nenhum ato.
Zera a conta, recomeça pra contar tempo de agora.

XXIX

De ter gente

Arrebatado, me lanço leve como a bolha detergente.

De tão raso, de tão ralo, de tão gasto, de tão casto me escandalizo num átimo.

Como a nuvem de bolhas reluzentes, plaino e pairo no ar.

E o peso do ar no piano-bar me sustenta.

A fumaça, o tilintar as risadas e a máscara que jamais cai grudada, encravada, radicada, lá no cerne de tudo.

Na lucidez liquefeita do escárnio, uma rosa púrpura disfarçada em beleza.

Fraco, um caco sem nexo tão fora do contexto, explico o que não tem porquê.

Mesmo que a chuva da tarde vele o sono da alegria e lave o sangue da inocência, ou se relate ao mundo a incoerência de ser bom e ser direito.

Mesmo que tudo me falte, mesmo que o susto me escape, mesmo sempre sendo eu mesmo, já sem termo pra me expor.

Já sem luz, já sem calor, morto inerte eu vivo a parte do princípio desse amor e lembro como se fosse hoje...

Arrebatado, me lanço leve como a bolha de ter gente.

XXX

Mar de iceberg

A onda que bate e esculpe o cérebro
Pedaços disformes se desprendem e caem
Arrasta iceberg de pensamentos
Pedaços d'água derretida ao mar

Uma gente contente que aguenta a miséria
Natural seleção do eterno habitar
Desperta no foco do "próximo" o outro.
E assim mundo afora que é hora de amar

Evadido em seu mundo
Vagando sem rumo em seu deserto
Ensimesmado de "eu" solado de entejo
Mar morto sem vida irá derramar

Resile, abre a guarda, se liga no todo.
Não conte com a sorte nem fuja do jogo
E DE AMAR NÃO SE ESQUEÇA;
QUEM AMA SE EDUCA, não tolhe ou machuca não mata ou desmata até regurgitar.

XXXI

Joana

Para do Carmo.

É teu aniversário, feliz ano novo!

Que teu amor e tua garra te alcem a paz, a luz, a segurança, a vontade que tu queiras, teu prazer, tua carreira, teus sentidos preenchidos, teu espaço, teu abraço, teus queridos no teu laço.

E se tudo mais for mentira, que seja esta a verdade, da tua vida é tu quem sabes.

A mim só cabe querer-te.

XXXII

Bonança

É de repente!

A negra nuvem das perdidas
que espalha cinzas ao leu.
Se abre pro azul fulgurado
Que toma conta do meu céu.

Celestial brilho dos teus olhos que aí salientam o reflexo oriundo do meu olhar.

XXXIII

A fé de Poliana

Partido está meu coração
Partindo está o meu amor
Minha vida com ele leva o meu tesão
E sofrida só o que fica é a minha dor

O canto alivia o pranto,
Mas essa vida já não dura.
Sem mistério de assombro,
Só ao regar a semente fecunda.
E a fé que me falta tanto,
Em ti como na Gretchen abunda.

XXXIV

Labaredas em sonho

Eu ria e ia.
Euzinho, eu ia todo.
Ardia macio labaredas em sonho.
Qual gosto adstringia na dura língua e sentia...
Chorava babava ria...
E sentia, sentia, e sentia.

XXXV

Cozinha afro-oriental

Chuchu de açafrão
Leite de coco e gurjão.
Assim na cama como na mesa,
Na preliminar ou na sobremesa,
Na cozinha do exagero
Do tempero da ocasião,
O glutão saliva a boca,
Se revela, se liquida
Se desnuda nas seis letras
Bem tetudas do DESEJO,
Assim na terra como na areia,
Na pedra lisa ou com veia,
Sem cerimônia ou bandeja,
Muito arroz à japonesa
Todo o feijão pra essa presa.

XXXVI

Café sem neura

Café e adoçante
Estímulo brocha
Café com açúcar
Energia estimulante
Bala com papel
Café sem neura
Sexo com adoçante!

XXXVII

Rosa da noite

“Uma rosa noturna”, erma, perdida.

Uma rosa colhida no auge de ontem.

No auge madruga vida promessa de um dia manhã.

Regressa à carreira no sopro minuano em cadência longínqua.

Carrega essa hora arrastada tapera até a aurora distante que quer despertar.

Leva lava desterra, acorda as sombras do dia, acorda com as putas da lua, faz pacto com a lava na via, incandesce a retórica do louco discurso que acorda, ser sórdida a História que o homem não quer e não pode ser flor.

E que se assim o for lá se esvai seu poder.

Essa rosa sólida, cálida, reles sórdida rosa colhida.

Gélida de amor ávida de vida que alvora uma sina mais planta fincada.

Reza baixinho na alvorada.

Sussurra em suplício ser rosa de terra na tarde do cosmos.

Radia sua tez de planta plantada ser rosa toada, seresta cantiga, e tão velha se chame de ROSA DA NOITE.

Essa rosa, que outrora alguém sem querer, sem saber se podia, que desconhecia, deu-lhe nome, que lhe assim parecia “uma rosa noturna”.

XXXVIII

Pra não deixar marca

E a barca segue, desliza, parece estática, mas anda,
Flutua,
O busto passa, um pingo enche.
De repente a corredeira ameaça.
Joga a toalha, mas antes seca a testa.
Na tua trilha tanta fé, tenta ter tanta ternura, e tira essa cara de despeito,
E desce, por que água não sobe.
Você em sua guerra.
Mas quem falou em terra terá tempo de ver a árvore crescer?
Ao pó voltarás.
Seu vício, cortar árvores; se cortar árvores não haverá TERRA, e sem TERRA: GUERRA.
Logo você que é 75% água vai virar terra!
Mais merecia virar deserto, sem nada por perto.
Nem cruz de pedra no chão, pra que outra geração, nem se lembre do arvorecídio.

XXXIX

Só lida

Hão de lembrar noutra banda,
No transbordo da falta.
Bordado em lantejoulas de ausências.
Sopros ventos *dilacíveis* de amargura.
Lida diária noturna.
À esquerda de um nada constante.
O eco berro que se esvai.
É lida. Só lida.
Sólida.
Solidão.

XL

No mundo sem giro

A saudade começa bem antes da ausência.
Quando da notícia da separação com data marcada que a chaga se cria.
É dor é aperto vazio na barriga quando antecipada a cruel despedida.
A saudade de verdade é aquela que arde e que jorra do olho.
Que lava a alma antecipadamente em catártica dor.

E quando se volta ou então se retorna o motivo da febre?!

Parado no tempo se queda inconsciente.
No mundo sem giro. O peito se enche. O rosto se cora!
E assim afora se segue contente!

XLI

Fim

Fui abandonado
Ai de mim, coitado.
Ainda é primavera...
Já estou sem flor.

(18 de outubro de 2021, O Fim)

Posfácio

Estas poesias me foram entregues quando o tempo já começava a se despedir de nós.

Era 7 de setembro de 2021, no Rio de Janeiro. Meu irmão estava em casa, acamado, esperando o exame cuja consulta ele desejava que eu e nossa irmã mais nova, Alessandra, acompanhássemos. O resultado revelaria o que já se anunciava: cabeça, rosto e garganta tomados pela metástase de um câncer que avançava sem cessar, indiferente ao seu corpo ainda jovem e à sua vontade de viver.

Naquela noite, depois de voltarmos para casa, estávamos os três profundamente abalados. Foi então que ele me entregou um maço de folhas: suas poesias, impressas. Pediu que eu lesse, uma a uma. Que declamasse, na verdade. E, ao final, me fez um pedido, simples e definitivo: que eu publicasse.

Naquele gesto, herdei suas palavras.

Herdei aquilo que faz o tempo parar – ou voltar, ou avançar –, aquilo que não obedece aos relógios: a poesia.

Aquele momento se eternizou em mim. E estas poesias, agora reunidas em livro, ficaram gravadas como uma força que suspende o tempo, ou o dobra sobre si mesmo. Herdei a escrita do meu irmão. Herdei um pouco do seu ser, da sua alma. Algo que o tempo – esse mesmo que tudo corrói – não consegue corromper.

Este livro nasce, assim, não apenas de versos, mas de um encontro final. De um pacto silencioso entre irmãos. De amor eterno.

Quem foi o Guggo para mim?

Meu primeiro brinquedo.
Meu primeiro amigo.
Meu primeiro inimigo.
Meu primeiro amor.
Meu primeiro artista.
Meu primeiro aplauso. *(Cantando Cazuza, vestido de Carmem Miranda, em cima da mesa).*
Meu primeiro orgulho.
Meu irmão.

Minhas últimas palavras escritas a ele em seu último aniversário – 06/09/2021

Meu irmão,
A vida nunca sorriu – ou sorriu pouco – para ti. Teus sonhos ela despedaçou.
Revide.
Não deixe barato.
Não esqueça: nunca aceitamos um "não" para nada do que queríamos.
Somos o tufão e o terremoto.
Somos os Guggas.
Os piores, os mais insuportáveis.
Os que jamais conseguiram fazer calar, sentar, ou se acomodar.
Os que mais apanharam – e levantaram.
Levantávamos e fazíamos careta antes de sair correndo.
Faça a pior careta para isso que a vida está te fazendo agora.
Vire as costas.
Siga teus propósitos.
Deixe a vida ir atrás,
tentando te impedir,
como tem feito.
Eu, da minha parte,
prometo ir te protegendo,
como posso, de tantas
pancadas.
Paz de aniversário.
Te amo desde sempre.
Para sempre.



Palavras finais

Hoje entendo que a poesia foi, para meu irmão, uma forma de continuar respirando quando o corpo já não dava conta. Enquanto a doença avançava, ele se distraía criando imagens, dobrando o sentido das palavras, inventando leveza onde havia peso. Escrever era sua maneira de se manter inteiro – mente e alma – quando o real insistia em feri-lo. E talvez por isso ele tenha me escrito um poema em que me chama de seu "eu inverso", seu "duplo", sua face feminina: porque na poesia nós dois cabíamos no mesmo espelho, confundidos, misturados, ainda vivos um no outro. Ele escrevia para não fenecer; eu leio para que ele não se vá. Ali, nos versos, revivo o amar e o sofrer, como ele disse, e encontro não apenas o poeta, mas o irmão que me protegeu desde sempre. A literatura nos salvou – a ele, por um instante essencial; a mim, para sempre.

Alcione Moraes Jacques

Sobre o autor

Guggo Morales nasceu em 6 de setembro de 1975, no interior do Rio Grande do Sul, na cidade de André da Rocha. Teve seu primeiro contato com o teatro ainda na escola, atuando na peça *A bruxinha que era boa*, de Maria Clara Machado. Formou-se como Tecnólogo em Teatro pela terceira turma do TEPA (Teatro Escola de Porto Alegre), em 1988. Tornou-se ator profissional em 2000, e desde então construiu uma trajetória artística sólida no teatro, televisão e cinema. Atuou em produções como *A terra prometida* (Record TV) e o filme *Paralelo* (2016), além de participar de montagens teatrais no Brasil e na Itália. De 2007 a 2011, administrou o Teatro Solar, no Rio de Janeiro, onde consolidou sua atuação como agente cultural. Morreu em 18 de outubro de 2021, depois de dez anos lutando contra diferentes cânceres que se espalharam em seu corpo.

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL – Principais trabalhos em atuação:

CINEMA

- 2016. Ator em "Paralelo". Personagem: Zero. Direção de Alexandre Farias.

TV

- 2016. Ator em "A Terra Prometida", RECORD TV. Personagem: Samuel de Simeão. Direção de Alexandre Avancini.
- 2015. Ator coadjuvante em "Os dez mandamentos". RECORD TV. Direção de Alexandre Avancini.
- 2003. Ator em "Um Anjo Caiu do Céu". TV GLOBO. Personagem: Repórter 1. Direção de Denis Carvalho.

TEATRO – Atuação | Produção | Assistência de Direção:

- 2012. Ator – Espetáculo "A Gaivota", de Anton Tchekhov. Direção de Maíra Kestenberg.

- 2011. Produtor Executivo – “A loba de Rayban”, com Christiane Torloni e Maria Maya. Direção de José Possi Neto e texto de Renato Borghi.
- 2009. Produtor Executivo/Assistente de Direção – “Os inimigos não mandam flores”, com Cristina Prochaska e elenco. Direção de Maria Pia Scognamiglio. Texto de Pedro Bloch.
- 2008. Administração – “Traição”, de Harold Pinter. Direção de Ari Coslowisk.
- 2007. Assistente de Produção – “Campo de provas”, com Marcos Winter, Guilhermina Guinle e elenco. Direção de Gilberto Gawronski e texto de Aimar Labaki.
- 2005. Ator – “Uma ponte sobre o oceano”. Dramaturgia e direção de Ivan Tanteri. Contigliano, Itália.
- 2003. Ator – Espetáculo “A bela estória do menino do dedo verde”, no Teatro Clara Nunes.
- 2000. Ator – Espetáculo “Melodrama”. Texto e direção de Daniela Carmona.

O amor de Gugo pela arte e sua despedida em uma cascata na terra natal

FOTOS: ARQUIVO DA FAMÍLIA



Cerimônia onde foram jogadas as cinzas do ator andreense

André da Rocha - "Uma vida de luta, garra e muita determinação. Quando o meu irmão iria começar a colher os frutos do seu intenso trabalho, teve a sua vida ceifada por uma doença", destaca Alcione Moraes Jacques, irmã de Alceu Júnior Moraes Jacques, o Gugo.

Nascido no Pequeno Grande Pago, como é conhecido o município de André da Rocha, Gugo sempre gostou das artes.

- O nosso pai nos incentivava a declamar, visto que ele era um apoiador da cultura gaúcha e durante dez anos foi patrão do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Tropeiro Lagoense. Mas o gosto do meu irmão pelas artes ia além. Inspirado na Carmen Miranda, ele colocava frutas decorativas na cabeça e ensaiava algumas danças. Aquilo chamava a atenção e divertia os que o assistiam. Aos 14 anos, passou em segundo lugar no Colégio Agrícola, em Bento Gonçalves, mas não era esse rumo que ele desejava seguir. Aos 18 anos mudou-se para Porto Alegre, buscando correr atrás dos seus sonhos. Na capital, participou de diversos cursos e integrou muitas peças teatrais. A primeira, o melodrama "um exercício", marcou o início da sua carreira e representava muito para ele. Também fez inúmeras apresentações no Theatro São Pedro. O meu irmão se cobrava demais e se entregava muito em todos os seus trabalhos - frisa Alcione.

Aos 22 anos foi para o Rio de Janeiro, onde gerenciava o Teatro Botafogo e também apresentava diversas peças.



Gugo, à esquerda, em sua primeira atuação em Porto Alegre

A irmã destaca que Gugo conquistou o primeiro lugar no concurso realizado no programa Domingão do Faustão para escolher o sósia de Murilo Benício, ator principal da novela O Clone, da Rede Globo. Ele teve apenas algumas aparições durante a trama.

Da Globo, Gugo foi para a Record, onde participou de duas novelas "Os Dez Mandamentos" e "A Terra Prometida", onde interpretava um dos 12 apóstolos.

- Em meio a tanto trabalho, no Natal de 2010 foi descoberto um câncer nos linfomas. Depois, ele teve também de medula, garganta e língua. Dividia o seu tempo entre as gravações e o cuidado com a saúde, envolvendo procedimentos que eram necessários para a sua cura - lembra.

Após ter feito algumas gravações da segunda novela, em 2020 precisou fazer outra cirurgia, quando foi necessário retirar parte da língua, da bochecha e do osso da mandíbula. Para enxertar, os médicos puxaram uma parte do músculo do peito para a região do rosto, tudo feito por dentro do corpo.

- Após esse procedimento, o meu irmão não conseguiu falar mais. Quando precisava se comunicar, era somente através da escrita. Como sabia que em decorrência disso seria difícil trabalhar como ator, passou a cursar Artes Cênicas, pois desejava se tornar professor, visto que não queria abandonar uma das suas grandes paixões: a arte. O seu tratamento estava sendo realizado no Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (Inca) e por isso tínhamos muita esperança de que ele se curasse. Até março do ano passado, após a realização da última cirurgia, a recuperação era ascendente, o que nos dava mais alívio, mas depois disso ele passou a piorar demais. Foram sete meses que tomava morfina de quatro em quatro horas e no intervalo dipirona, tanta era a dor que sentia. Mesmo diante das dificuldades, nunca se lastimou e nem desanimou, sempre fazendo planos - menciona.

Gugo faleceu no dia 18 de outubro, com 46 anos. Dias antes mandou o seguinte recado para a sua irmã: "se eu morrer agora ou depois, tanto faz, quero ser cremado. Depois, em uma cerimônia simples, na Cascata do Catebiró, que joguem as minhas cinzas. Que faça um discurso dizendo da importância daquele lugar para a gente. Cite que quem fez aquela represa foi o vô para controlar a água que movia um moinho por muitos anos. Peço que pesquise sobre esse moinho. Que seja um domingo, às 11h, que tenha uma tulipa na porteira bem à vista para quem chega e escreva com a flor palmas brancas o meu nome (Gugo) no lageado. Depois leia para as pessoas o meu primeiro poema "Pena em pé vasta rotina" e joguem as cinzas. Que as pessoas levem chimarrão e coisas para um café da manhã, um piquenique".

- Em um lindo domingo, juntamente com amigos e familiares, realizamos os últimos desejos do nosso querido Gugo - finaliza Alcione.

Texto: Renata Grzegorek



Gugo em uma das atuações na Record



Cinzas de Gugo jogadas pela sua mãe (no centro) na Cascata do Catebiró

Grande pequeno pago



O pago, os pagos que trago.
A estrada, os caminhos pra escolha.
Nascente à várzea da alma,
Derrama no vazio da folha.

Andar com fé nesta vida
Que toda gente um dia acorde
Pra ser mais amiga do mundo;

Cuidar com amor da nossa terra
Curtir o desfrute legítimo
Até a volta à origem, cansado.
Da guerra que pede carona
Renascido à lama encharcada
Impresso em letras de forma,
Surja um bilhete premiado
Dizendo teu pago te ama.

Alceu Júnior Moraes Jacques, autor deste poema em homenagem a André da Rocha. Ele deixou várias poesias escritas e em breve será lançado um livro com este material, além de outras histórias.

UCS UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

UCS | EDUCS EDITORA

A Editora

A Editora da Universidade de Caxias do Sul, desde sua fundação em 1976, tem procurado valorizar o trabalho dos professores, as atividades de pesquisa e a produção literária dos autores da região. O nosso acervo tem por volta de 1.600 títulos publicados em formato de livros impressos e 600 títulos publicados em formato digital. Editamos aproximadamente 1.000 páginas por semana, consolidando nossa posição entre as maiores editoras acadêmicas do estado no que se refere ao volume de publicações.

Nossos principais canais de venda são a loja da Educs na Amazon e o nosso site para obras físicas e digitais. Para a difusão do nosso conteúdo, temos a publicação das obras em formato digital pelas plataformas Pearson e eLivro, bem como a distribuição por assinatura no formato streaming pela plataforma internacional Perlego. Além disso, publicamos as revistas científicas da Universidade no portal dos periódicos hospedado em nosso site, contribuindo para a popularização da ciência.

Nossos Selos

EDUCS

- **EDUCS/Ensino**, relativo aos materiais didático-pedagógicos;
- **EDUCS/Origens**, para obras com temáticas referentes a memórias das famílias e das instituições regionais;
- **EDUCS/Pockets**, para obras de menor extensão que possam difundir conhecimentos pontuais, com rapidez e informação assertiva;
- **EDUCS/Pesquisa**, referente às publicações oriundas de pesquisas de graduação e pós-graduação;
- **EDUCS/Literário**, para qualificar a produção literária em suas diversas formas e valorizar os autores regionais;
- **EDUCS/Traduções**, que atendem à publicação de obras diferenciadas cuja tradução e a oferta contribuem para a difusão do conhecimento específico;
- **EDUCS/Comunidade**, cujo escopo são as publicações que possam reforçar os laços comunitários;
- **EDUCS/Internacional**, para obras bilíngues ou publicadas em idiomas estrangeiros;
- **EDUCS/Infantojuvenil**, para a disseminação do saber qualificado a esses públicos;
- **EDUCS/Teses & Dissertações**, para publicação dos resultados das pesquisas em programas de pós-graduação.

Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code.

UCS | EDUCS EDITORA 50 ANOS

